

A PREDIÇÃO NA TEIA DE ESTRATÉGIAS DE COMPREENSÃO LEITORA

Vera Wannmacher Pereira
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo explicitar a predição na teia de estratégias de compreensão. Primeiramente apresenta fundamentos teóricos sobre compreensão leitora, estratégias de leitura e predição leitora. Após, demonstra-os utilizando um texto numa determinada situação de leitura. Por último, nas considerações finais, retoma o conteúdo desenvolvido e abre perspectivas de pesquisa e ensino.

PALAVRAS-CHAVE: predição; compreensão leitora; estratégias; teia.

***ABSTRACT:** This article aims to explain the prediction in the web of comprehension strategies. First presents the theoretical foundations on reading comprehension, reading strategies and reading prediction. After, shows them using a text in a specific reading situation. Finally, in the final considerations, incorporates the content developed and opens perspectives for research and teaching.*

***KEYWORDS:** prediction; reading comprehension; strategies; web.*

Introdução

O presente artigo tem como eixo temático a predição leitora, com apoio nos estudos psicolinguísticos sobre leitura. Está situado no caminho de pesquisa e ensino que vem sendo seguido pela autora, por considerá-lo especialmente relevante para a compreensão leitora. Os objetivos pretendidos são explicitar essa estratégia, no que se refere ao seu funcionamento, às relações com outras importantes estratégias de leitura e à sua contribuição para o êxito na compreensão, e levantar possibilidades para aplicação na pesquisa e no ensino.

Para isso, primeiramente são apresentados alguns fundamentos teóricos sobre tópicos que constituem o tema – compreensão e processamento da leitura, estratégias de leitura, predição leitora. A seguir é feita a demonstração dos procedimentos possivelmente utilizados por um suposto leitor ao predizer em deter-

minada situação de leitura. No fechamento, são realizadas considerações finais, retomando o conteúdo desenvolvido e abrindo perspectivas de pesquisa e ensino.

1 Fundamentos

São apresentadas a seguir, sucessivamente, concepções sobre compreensão leitora, estratégias de leitura e predição como uma dessas estratégias.

1.1 Compreensão leitora

Do ponto de vista psicolinguístico, a compreensão da leitura é examinada não só como a apropriação do conteúdo lido, mas como o processamento realizado pelo leitor para realizar essa apropriação.

Os estudos que vêm sendo realizados sobre esse tópico indicam dois tipos de processamentos básicos – o *bottom-up* e o *top-down* (SCLIAR-CABRAL, 2008), que se diferenciam no que se refere à direção do raciocínio de leitura – das unidades menores para as maiores (o primeiro) e vice-versa (o segundo). A escolha de um ou outro está associada a algumas variáveis – tipo/gênero textual, objetivo de leitura, conhecimentos prévios do leitor e seu estilo cognitivo.

O processamento *bottom-up* consiste no uso de procedimentos com tendência linear, em que as marcas textuais assumem grande importância. Seu uso é provável em situações em que o leitor tem poucos conhecimentos prévios sobre o conteúdo do texto, ou tem pouco domínio sobre o código linguístico utilizado, ou ainda necessita fazer decodificação cuidadosa. Também ocorre seu uso em situações em que a leitura tem como objetivos, por exemplo, a elaboração de um resumo, ou a realização de uma prova avaliativa, ou ainda a organização de um comentário crítico. Do mesmo modo, pode ser mais frequente em situações em que o objeto de leitura se caracteriza por organização linguística complexa (lexical, sintática, textual), como é o caso dos editoriais, das defesas de tese, dos comentários críticos, das exposições de motivos, dos relatos científicos, das divulgações de natureza científica.

O processamento *top-down* é de natureza descendente, ocorrendo na direção das unidades linguísticas maiores para as menores. Apoiando-se fortemente nos conhecimentos prévios do leitor, as marcas linguísticas deixadas pelo autor são selecionadas para realização de antecipações e para testagem de hipóteses. Caracteriza-se, então, como um processamento global que favorece ao leitor a escolha dos segmentos de leitura. Considerando essas características, ele é utilizado predominantemente em situações em que o leitor tem armazenados na memória bastantes conhecimentos sobre os tópicos desenvolvidos no texto.

Também ocorre seu uso em situações com objetivos de leitura, como verificar se o livro é adequado a um determinado público, ou fazer uma escolha preferencial entre vários textos, ou organizar livros numa prateleira, ou verificar se já conhece o texto, ou ainda preparar uma leitura detalhada, antecedendo-a. Pode do mesmo modo ocorrer em textos de natureza lexical, sintática e textual pouco complexa, exigindo baixo esforço cognitivo. É o caso, por exemplo, de narrativas lineares, ou de textos com significados predominantemente explícitos, ou ainda de textos com alta previsibilidade.

Esses dois processamentos básicos não são excludentes, uma vez que o leitor pode utilizá-los alternadamente. Imaginemos, por exemplo, que C. deve ingerir um medicamento prescrito por seu médico e tem dúvida sobre a dosagem. Resolve, então, consultar a bula. Trata-se de um texto de léxico e sintaxe específicos, que não faz parte do cotidiano do leitor, o que gera algumas dificuldades para sua compreensão. Por outro lado, tem uma estrutura textual previsível. Essas duas características encaminham C. para o uso dos dois processamentos. Primeiramente faz um movimento *top-down* pelo texto como um todo, realizando uma leitura global. Durante esse processamento, fixa seus olhos no título *Dosagem*. Passa a ler cuidadosamente (*bottom-up*) cada palavra e cada frase, buscando confirmar na memória as informações que gradativamente vai reunindo. Chega, então, à compreensão e à decisão relativa à dosagem que deve utilizar, alcançando seu objetivo de leitura.

Esses processamentos estão vinculados às estratégias de leitura, explicitadas no item a seguir.

1.2 Estratégias de leitura

Os estudos psicolinguísticos com frequência abordam o tópico estratégias de leitura (KATO, 1987; LEFFA, 1996; SOLÉ, 1998). Definidas como procedimentos utilizados pelo leitor para processar a compreensão, são categorizadas como cognitivas e metacognitivas.

As estratégias cognitivas são intuitivas e não conscientes e as metacognitivas são reflexivas e conscientes. São exemplos do primeiro grupo o reconhecimento natural de que um texto disponível é coerente, de que a escrita (ocidental) se desenvolve da esquerda para a direita. São exemplos do segundo grupo o estabelecimento de semelhanças e diferenças entre textos, o reconhecimento de um erro e sua superação, o direcionamento da atenção para algum ponto do texto, o controle do objetivo de leitura (PEREIRA, 2009a).

Essa categorização em cognitivas e metacognitivas traz em si uma certa dificuldade, uma vez que está diretamente relacionada ao domínio que o leitor

tem sobre o objeto da estratégia. Controlar o objetivo de leitura, por exemplo, pode estar bastante automatizado no caso de o leitor fazer isso com frequência e repetidamente na mesma situação. Cabe também referir o fato de que é de grande complexidade o estabelecimento da oposição entre consciente e não consciente, o que vem gerando a idéia de níveis de consciência, sendo considerado como mais alto o êxito na compreensão e a explicitação eficiente do processo e o mais baixo o fracasso na compreensão e a não explicitação do processo realizado. É importante ainda registrar que essas definições sobre estratégias de leitura precisam acolher os estudos neurocientíficos, como os de Dehaene (2007, 2009), sobre as características do processo de consciência, que afirmam que, a partir do tempo de 270-300 milissegundos é possível ver diferença entre o processamento consciente e o inconsciente, momento em que diferentes áreas do cérebro entram em sincronia, buscando intencionalmente um foco lingüístico específico e utilizando informações periféricas a esse foco, o contexto.

Os estudos psicolingüísticos sobre estratégias de leitura trazem alguns tipos e procuram caracterizá-los, de modo a estabelecer diferenças entre eles. No entanto, essa intenção é alcançada parcialmente, uma vez que tais estratégias têm diferentes níveis de abrangência e apresentam vínculos, formando uma espécie de teia de conexões. Encontram-se explicitadas a seguir algumas delas.

O *skimming* consiste numa estratégia de leitura de natureza *top-down*, que permite um passeio global pelo material escrito sem uma busca específica. Consiste numa aproximação que pode contribuir para o levantamento de percepções e entendimentos gerais. Pode ser utilizado numa situação, por exemplo, em que o leitor, diante de um balcão de livros, deseja adquirir algum para ler nas férias. É possível que ele passe os olhos pelas capas, vire algumas folhas, de modo a verificar se pode interessá-lo. Pode ser também empregado numa situação em que precise avaliar o tempo de que precisará para ler um artigo científico. Passa então os olhos pelas páginas, observando a extensão, o tamanho das letras, o espaçamento entre as linhas, o assunto, um pouco do léxico, a extensão dos parágrafos.

O *scanning* é uma estratégia de leitura que, assim como o *skimming*, faz uma varredura no material de leitura, mas em busca de algo específico. Constituem-se em situações frequentes de uso do *scanning*, a busca, por exemplo, de um nome no guia telefônico, de uma data no calendário, de uma palavra no dicionário, do prazo de validade numa embalagem. Numa situação em que o objetivo de leitura é a descrição minuciosa da cena de uma narrativa em que ocorre o desabamento de uma ponte, por exemplo, é provável que o leitor faça primeiramente um *scanning* para localização dessa cena no texto.

A leitura detalhada pode ser definida como uma estratégia *bottom-up* em que o leitor percorre linearmente o texto, compondo, a partir de unidades pequenas, gradativamente, uma totalidade. No caso de não ter obtido entendimento de um segmento lido, por falta de conhecimentos prévios sobre o conteúdo ou sobre o código lingüístico, a solução pode estar na leitura detalhada. Do mesmo modo, se a informação é especialmente relevante, como cuidados com o uso de produtos tóxicos, é conveniente que o leitor se dedique à leitura paciente de cada vocábulo, de cada frase das instruções do produto.

A inferência é uma estratégia de leitura explicitada tanto pelos estudos psicolingüísticos como pelos pragmáticos. Consiste na realização de uma dedução a partir de elementos lingüísticos do texto e de dados contextuais, contribuindo para a predição, uma estratégia de grande amplitude que conta com outras estratégias, conforme está exposto no item a seguir.

1.3 Predição, uma estratégia abrangente

Neste item, é explicitada a estratégia de predição, de especial relevância na compreensão leitora, uma vez que possibilita prever letras, morfemas, palavras, frases, enfim até o tema do texto e a situação de produção do texto.

Trata-se de uma estratégia de leitura que consiste na antecipação (GOODMAN, 1991; SMITH, 2003) do que ainda não foi lido, com base nos conhecimentos prévios do leitor e nas pistas lingüísticas deixadas pelo autor no texto. Essa antecipação, também chamada de adivinhação, se realiza na formulação e testagem de hipóteses, num jogo de risco automonitorado (PEREIRA, 2002).

Essas pistas lingüísticas estão distribuídas entre os diversos planos lingüísticos (GOMBERT, 1992) - grafo-fônico (relação fonema/letra, rima, aliteração), morfossintático (limite e estrutura de palavra, estrutura de frase), semântico (significado, sentido vocabular), textual (organização, moldura, coerência, coesão) e pragmáticos (relação texto/situação de uso), estando vinculadas à natureza dos textos – gêneros e tipos (ADAM, 2008). Assim, as pistas grafo-fônicas, por exemplo, são mais predizíveis nos poemas, assim como as pragmáticas nos textos fortemente marcados contextualmente, indicando a correlação entre situação de compreensão, gêneros textuais, pistas lingüísticas e estratégia de predição (PEREIRA, 2011).

Dada sua abrangência, a predição se realiza na interação com outras estratégias, especialmente a inferência, o automonitoramento, a autoavaliação e a autocorreção.

A inferência, do ponto de vista pragmático, constitui-se num percurso cognitivo que ocorre entre uma afirmação inicial e uma afirmação final (con-

clusão), sendo a base para cálculos de relevância. Nesse sentido, faz a âncora, o suporte para a realização da predição, estratégia fundamental para a compreensão (PEREIRA, 2009b). Entre as diferentes categorizações, cabe referir a inferência episódica e a inferência metalingüística. Na primeira, os conteúdos, os fatos, as informações do texto são as pistas determinantes para a predição. Na segunda, é a própria linguagem que consiste na pista de decisão. As inferências metalingüísticas sustentam as predições especialmente nos trava-línguas, nas parlendas, nos poemas, nas quadrinhas, no que se refere às aliterações e às rimas. As episódicas com frequência dão suporte às predições de elementos de narrativas, como por exemplo, as ações dos personagens, a sucessão dos fatos, a formação do desfecho.

Sendo a predição uma estratégia de antecipação, necessita de um conjunto de estratégias mais específicas para que se efetive - a formulação de hipóteses, o automonitoramento, a autoavaliação e a autocorreção (PEREIRA, 2009c, 2009d). A formulação de hipóteses consiste no levantamento de possibilidades sobre dados, fatos e situações do texto que ainda não foram lidos com base no que já foi lido e nos conhecimentos prévios do leitor. Durante a leitura de uma história que gira em torno de um crime, por exemplo, a busca do leitor é desvendá-lo. Faz então uma hipótese sobre o criminoso. Seguindo a leitura, fica em constante automonitoramento, atento a todos os detalhes, procurando sempre fortalecer sua hipótese. No entanto, surgem algumas dúvidas, fazendo o leitor hesitar e encaminhando-o para uma autoavaliação. Percebe, então, que aquele personagem não pode ser o criminoso, pois se encontrava muito distante do local do crime no momento em que ocorreu. Faz então, uma alteração da hipótese (autocorreção) e segue sua leitura até o final, sempre testando sua nova hipótese.

Diante do aqui exposto, cabe registrar que a estratégia de predição tem como âncora a inferência e conta, para seu uso, com a formulação de hipóteses, o automonitoramento, a autoavaliação e a autocorreção, o que evidencia que é de grande complexidade, estando em conexão continuada com as demais estratégias.

Além disso, a predição pode ocupar um ponto numa sequência encadeada de outros ainda, como já referido inicialmente. No exemplo apresentado por último, é provável que o leitor, ao ter dúvidas sobre sua própria hipótese, tenha retornado ao segmento em que o crime é narrado, por meio de um *scanning*, e tenha dirigido atenção a ele por um tempo significativo realizando uma leitura detalhada. Fica assim fortalecida a idéia exposta já no título deste artigo de que a predição faz parte de uma teia de estratégias que conduzem à compreensão.

No item a seguir, é utilizado um texto para demonstrar um possível percurso da predição como estratégia leitora em rede.

2 Demonstração

Neste item, é apresentado primeiramente o texto, reescrito pela autora do artigo com base na fábula original, e posteriormente são expostos os possíveis caminhos de predição de um dado leitor numa determinada situação de leitura.

O leão e o burro

Um burro vinha caminhando pela floresta.

De repente, apareceu à sua frente um leão.

Sentiu-se incomodado e disse a ele:

- O que você está fazendo aqui? Quem pensa que é para atravessar meu caminho? Saia da minha frente, pois quero passar.

O leão pensou no seu tamanho, na sua força, nos seus fortes dentes e nas suas grandes patas, enquanto observava o burro em sua arrogância e ignorância.

Então, seguiu seu caminho sem nada dizer.

O processamento no uso da predição descrito a seguir é hipotético, constituindo-se numa possibilidade entre muitas, sendo, o leitor, um aluno de 10 anos que procura atender à solicitação da professora: descobrir o final da história, uma vez que ele está coberto por uma tarja.

Ao receber a tarefa, o leitor entende que deve fazer uma descoberta. Dirige sua atenção imediatamente para a última frase que está coberta, fazendo um *scanning*. Detém-se ali (leitura detalhada) e percebe, por sua extensão, que é uma frase curta.

Volta, então, ao título do texto (*scanning*), examinando sua memória, na expectativa de já conhecer a narrativa e tê-la ali armazenada. Não encontra nenhuma informação e admite que precisa ler o texto.

Faz então uma busca rápida no texto (*skimming*) e percebe que os vocábulos leão e burro se repetem. Direciona sua atenção para o travessão (leitura detalhada) e observa que eles falam. Utiliza, então, seus conhecimentos e deduz (inferência) que o texto é uma fábula.

De posse dessas informações, volta ao topo do texto, lê novamente o título e confirma sua hipótese (automonitoramento e autoavaliação).

Lê, então, as duas primeiras frases. Coteja-as com os seus conhecimentos prévios e infere uma desigualdade de forças entre os personagens, favorecendo o leão. Levanta então uma hipótese – o leão atacará o burro (predição).

Passa para a leitura da terceira frase. Sente um estranhamento em relação ao fato de o burro ter ficado incomodado. Pensa que pode ter feito uma leitura errada (automonitoramento) e volta à terceira frase, lendo cuidadosamente a elipse inicial e a anáfora (leitura detalhada).

Fica ainda com dúvida e resolve ler a quarta frase (automonitoramento). Verifica, então, que realmente o burro acha que pode enfrentar o leão. Com base nesses dados e nos seus conhecimentos prévios, tenta prever o desfecho – um confronto entre os personagens em que o leão agredirá o burro, vencendo-o.

Faz então a leitura da quinta frase. Percebe a prepotência do burro e a força do leão e confirma sua hipótese para o desfecho (automonitoramento e autoavaliação). Examina um pouco mais o caminho que percorreu e busca nos seus conhecimentos prévios desfechos de outras fábulas (automonitoramento), em que nem sempre a força é a característica mais importante. Relê com atenção a frase e infere que o leão parece não querer usar sua força. Altera, então, sua hipótese (autocorreção) e faz nova predição – o leão não dará importância às palavras do burro e seguirá seu caminho. Essa será sua vitória.

Apresenta, então, à professora sua descoberta, explicando como chegou a ela. A professora promove um debate na turma e, ao final, apresenta a frase final do texto: “E o leão seguiu seu caminho sem nada dizer.”. Vê, então, confirmada sua predição final.

A demonstração aqui feita do processamento do uso da predição numa situação determinada indica essa estratégia como central, considerando a tarefa proposta. Revela também que está integrada a outras numa rede, numa teia. É importante considerar esses dois pontos no desenvolvimento de pesquisas e na proposição de aplicações no ensino.

Considerações finais

A exposição realizada até aqui, decorrente predominantemente de pesquisas realizadas pela autora, define a predição leitora como uma estratégia predominantemente *top-down* de antecipação do conteúdo do texto com base nas pistas lingüísticas deixadas pelo autor no texto e nos conhecimentos prévios do leitor. No processamento da leitura, integra uma teia de estratégias: tem como âncora a inferência; abrange a formulação de hipótese, o automonitoramento, a autoavaliação e a autocorreção; e se conecta a outras (*skimming*, *scanning*, leitura detalhada), dependendo da situação de leitura.

Tais características estão demonstradas neste artigo, numa suposta situação de leitura em sala de aula em que cabe ao leitor prever o final da fábula intitulada

“O leão e o burro”. Para realizar o objetivo proposto pela professora, o aluno (hipoteticamente) utiliza a predição como estratégia central, tomando a inferência como âncora para antecipação, realizando-a por meio do levantamento de hipótese, do automonitoramento, da autoavaliação e da autocorreção, e estabelecendo elos com o *skimming*, o *scanning* e a leitura detalhada. Seguindo esse percurso, o aluno obtém êxito, descobrindo a última frase do texto objeto de leitura.

As informações e análises disponibilizadas evidenciam a relevância da predição para a compreensão leitora, o que aponta para a necessidade de realizar investigações sobre esse tópico, de modo a conhecer mais precisamente seu modo de processamento e sua contribuição para o êxito na compreensão.

Cabe, assim, examinar correlações existentes entre compreensão e predição, considerando variáveis vinculadas ao leitor, como idade, gênero, escolaridade, objetivo de leitura, conhecimentos prévios, domínio da linguagem, e variáveis vinculadas ao material de leitura, como gênero textual, sequências dominantes, conteúdo do texto.

É especialmente relevante investigar os procedimentos preditivos utilizados pelo leitor, considerando essas mesmas variáveis. Para isso, é importante utilizar instrumentos diversos, que, ao darem diferentes informações, podem compor um mosaico de informações. Cabe utilizar desde os mais simples, como os questionários e as entrevistas, pela natureza básica e pela facilidade de aplicação. Os protocolos introspectivos, que podem ser aplicados *on-line* e *off-line*, também são importantes por agregarem dados qualitativos, embora dependam fortemente da competência do sujeito. São muito interessantes as ferramentas computadorizadas, uma vez que permitem a filmagem dos movimentos do sujeito com o *mouse* e o registro do tempo usado em cada um deles. Em dimensão mais sofisticada, podem ser utilizados os equipamentos que permitem examinar a consciência, como o eletroencefalograma, e a ativação de áreas cerebrais, como a ressonância funcional. É possível ver que são muito os caminhos investigativos, que, naturalmente, permitem a obtenção de diferentes dados, o que é importante para a composição de um corpo de conhecimentos sobre o funcionamento da predição.

Quanto à aplicação no ensino, há que considerar as definições da predição leitora aqui apresentadas. A natureza do texto e seus traços lingüísticos dominantes, a definição do objetivo de leitura e os conhecimentos prévios do leitor são pontos cruciais, uma vez que encaminham as tarefas a propor aos alunos. Desse modo, há que variar esses elementos da situação de leitura de modo que os estudantes tenham a possibilidade de viver diferentes procedimentos preditivos deles decorrentes.

É, assim, importante estimular a predição que exija a manipulação dos diferentes planos que estruturam a língua – fônicos, morfológicos, sintáticos, léxico-semânticos, textuais e pragmáticos. Para tanto, há que propor ao aluno fazer predições das rimas, dos vocábulos, do possível autor, do possível leitor, do gênero textual, de segmentos que estruturam o texto, sendo para isso necessário orientar o aluno para observar os elementos lingüísticos presentes.

Também cabe estimular a predição em situações que o aluno disponha de níveis diferentes de conhecimentos prévios, de modo que ele perceba, por exemplo, que quando dispõe de poucos desses conhecimentos, deve direcionar fortemente sua atenção para as pistas lingüísticas do texto.

É especialmente necessário encaminhar o aluno para explicitar como realizou as predições, de modo a desenvolver a consciência sobre o uso dessa estratégia de leitura. Debates da turma a esse respeito, de modo a conhecer os caminhos utilizados individualmente, certamente contribuem para o desenvolvimento da competência de predição e, conseqüentemente, para o êxito na compreensão.

Em suma, é importante que os professores, os órgãos mantenedores do ensino estejam atentos às descobertas que estão continuamente se fazendo, especialmente considerando as grandes dificuldades de compreensão da leitura evidenciadas pelos estudantes de todas as idades. No caso da predição, cabe uma atenção especial considerando seus vínculos na teia das diversas estratégias leitoras, donde a relevância do papel que desempenha na compreensão.

Referências

- ADAM, Jean-Michel. *A Linguística: introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez, 2008.
- DEHAENE, Stanislas. Signatures of consciousness – a talk by Stanislas Dehaene. *Edge in Paris*, 2009. Entrevista concedida a Edge Foundation, Inc. Disponível em http://www.edge.org/3rd_culture/dehaene09/dehaene09_index.html. Acesso em 15 de julho de 2010.
- DEHAENE, Stanislas. *Les neurones de la lecture*. Paris: Odile Jacob, 2007.
- GOMBERT, Jean Émile. *Metalinguistic development*. Chicago: The University of Chicago Press: 1992.
- GOODMAN, Kenneth S. Unidade na leitura – um modelo psicolingüístico transacional. *Letras de Hoje*, Porto Alegre: EDIPUCRS, n.86, dez. 1991, p. 9-43.

- LEFFA, Vilson J. *Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística*. Porto Alegre; Sagra-Luzzatto, 1996.
- PEREIRA, Vera Wannmacher. Arrisque-se... Faça o seu jogo. *Letras de Hoje*. Porto Alegre: EDIPUCRS, n. 128, v. 37, jun. 2002, p. 47-64.
- _____. Estratégias de leitura virtuais e não virtuais no Ensino Fundamental. *Anais do VI Congresso Internacional da Abralín*. João Pessoa: Ideia, 04 a 07 mar. 2009a, p.4590-4 (CD) .
- _____. Predição leitora e inferência. In: Costa, Jorge Campos da (org.). *Inferências lingüísticas nas interfaces*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009b, p. (CD).
- _____. Predição leitora: procedimentos e desempenhos em ambiente virtual e ambiente não virtual. *Letras de Hoje*. Porto Alegre: EDIPUCRS, v.44, n.3, jul.-set. 2009c, p.22-27.
- _____. Estratégia de predição leitora nas séries iniciais: resultados de pesquisas e aplicação no ensino. *Acta Scientiarum . Language and Culture*. Maringá: EDUEM, v.31, n.2, jul.-dez. 2009d, p. 133-38.
- _____. Predição, compreensão e situação de compreensão. *Desenredo*. Passo Fundo: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UPF, v. 7, n.1, 2011, p.91-103.
- SMITH, Frank. *Compreendendo a leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003